

RESENHA

Filipe Costa Fontes

LUNDGAARD, Kris. **O mal que habita em mim**. São Paulo: Cultura Cristã, 2003. 159 p.

Tal é a natureza enganosa do pecado que, além de corromper e destruir a vida humana, ao mesmo tempo deixa o homem convencido de que está tudo bem consigo. Portanto, não é de se surpreender que em nossos dias ora o homem seja tratado como um ser moral e espiritualmente neutro, ora como um ser moral e espiritualmente bom, como afirmam, dentre outras, as crescentes correntes de pensamento influenciadas pelo monismo oriental.

A igreja tem sido influenciada por essa visão acerca do homem. Muitos são os cristãos que perderam ou estão perdendo de vista o caráter maligno e odioso do pecado, bem como a indignação de Deus contra ele. Essa concepção, embora esteja intensivamente presente em nossos dias, não é nova na igreja cristã. Haja vista a influência que Pelágio exerceu sobre a doutrina antropológica e soteriológica da igreja cristã. O problema dessa concepção errônea acerca da bondade essencial do homem é que ela o conduz inevitavelmente a uma atitude emancipada em relação a Deus e a sua justiça, o que o leva a justificar seus próprios desejos, concepções e maneira de viver.

Esta é, certamente, uma das maiores estratégias do mal, pois, uma vez convencido de sua bondade no estado atual, o homem está pronto a, da maneira mais natural possível, dar vazão aos mais perversos desígnios do seu coração. O homem torna-se assim a autoridade máxima em sua vida, que passa a ter como norma de conduta os desejos do seu coração.

Por causa disto, uma das principais tarefas da igreja contemporânea é resgatar a concepção da malignidade do pecado e de seu caráter odioso diante de Deus. O livro *O Mal que Habita em Mim* apresenta-se como um auxílio à igreja nessa tarefa, e poderá servir como meio de despertar para muitos que estão adormecidos e enganados por seu próprio coração. Creio estar correta

a afirmação de J. I. Packer a respeito da obra em questão: “Este livro será um marco para muitos crentes”.

Esta obra é fruto de uma inquietação que ao longo dos anos atormentara o autor: “Se Deus me redimiui do pecado, e me deu seu Santo Espírito para me santificar e me dar forças contra o pecado, por que eu continuo a pecar?” (p. 9). A resposta viera através da leitura do puritano John Owen (1616-1683), que influenciou de tal forma esse trabalho a ponto de Lundgaard considerá-lo como seu co-autor, e a obra como um resumo literariamente contemporâneo das obras de Owen, principalmente *Nature, Power, Deceit and Prevalency of the Reminders of Indwelling Sin in Believers* (A natureza, poder, engano e predomínio dos resíduos do pecado que habita no crente) e *The Mortification of Sin* (A mortificação do pecado).

Foi assim, despertado por Owen, que Lundgaard escreveu *The Enemy Within* (O inimigo interior), nome original desta obra. Seu desejo principal é que o conhecimento do inimigo, suas estratégias e intenções tornem seus leitores atentos e vigilantes na tarefa de mortificá-lo, até que se alcance vitória sobre ele. Em suas palavras:

Espero com sinceridade que o desejo do meu coração para Deus, e o principal desígnio da minha vida no lugar em que Deus me colocou, sejam que a mortificação e a santidade universal possam ser promovidas nos corações e nas maneiras dos outros, para a glória de Deus, para que o evangelho do Nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo possa ser adornado em todas as coisas (p. 11).

A obra está dividida em quatro grandes partes. Os quatro primeiros capítulos, sob o título “O poder do pecado no que ele é”, se preocupam em expor a natureza do pecado. Os cinco capítulos seguintes, sob o título “O poder do pecado em como ele age”, preocupam-se em analisar o *modus operandi* do pecado em nós. A terceira grande parte, “O poder do pecado no que ele faz”, trata das conseqüências do pecado. E por fim, os três últimos capítulos compõem a última parte, que tem como título “Pregando a tampa no caixão do pecado” e visam a tratar da vitória sobre o pecado.

A análise da natureza do pecado tem como base o conhecido e exegeticamente controverso capítulo 7 da epístola aos Romanos.¹ Nesta análise o autor chama a atenção para o fato de que Paulo, ao falar da realidade do pecado, utiliza-se da metáfora da lei. Através desta metáfora Paulo deseja mostrar como o pecado exerce autoridade e poder sobre os homens. A palavra “lei” pode ter

¹ O autor não se preocupa em explicar a conhecida controvérsia exegética em torno deste capítulo da epístola, interpretando-o como uma narrativa autobiográfica. Para mais informações quanto a essa controvérsia, ver: HOEKEMA, Anthony A. *O cristão toma consciência do seu valor*. São Paulo: Luz para o Caminho, 1987.

basicamente dois significados. A lei pode ser definida como uma regra ou imposição que atua oferecendo recompensas em caso de obediência e punição em caso de desobediência. Por outro lado, o termo “lei” pode se referir a uma força ou impulso, tal qual as leis naturais, forças essas que nos impelem a cumprir as suas exigências. O mal que em nós habita pode ser entendido nessas duas perspectivas. Trata-se de uma força que impele oferecendo recompensas caso as suas exigências sejam atendidas, e ameaçando com punições advindas da desobediência às suas ordenanças.

O pecado atua no coração. Este é o assunto do terceiro capítulo. Com muita propriedade, imbuído de uma antropologia verdadeiramente bíblica, Lundgaard mostra que o pecado atua no dispositivo governante de todo o ser do homem, o seu coração. Este fato é a razão da total depravação do homem, além de consistir de alguma forma em vantagem para o pecado, pois o coração é um dispositivo desconhecido e inacessível ao próprio homem. Assim o mal que habita no homem e o corrompe se esconde numa fortaleza insondável, onde não se pode encontrá-lo (p. 35). Conforme afirmou Calvino: “Quando o inimigo é invisível, maior é o perigo”.² Quanto à natureza, portanto, o pecado pode ser comparado a uma lei, uma força motriz que impulsiona o coração oferecendo recompensas e ameaçando com punições.

A segunda grande seção do livro visa apresentar o *modus operandi* do pecado no coração. Baseado em Tiago 1.14-15, o autor afirma que o objetivo do pecado é levar o seu hospedeiro à morte, através da tentação. Para atingir esse objetivo, a tentação percorre cinco degraus: a mente, as afeições, a vontade, as ações e, por fim, a morte. Estes degraus são o assunto dos capítulos posteriores dentro dessa seção.

O primeiro degrau da tentação é a mente. Esta é apresentada como a sentinela da alma. Ela tem a responsabilidade de julgar e determinar se uma atitude é ou não agradável a Deus. Para tanto, precisa estar preparada para reconhecer os astutos enganos do pecado. O preparo se dá através da meditação e da oração particular. Na meditação e oração particular, o coração é exposto ao padrão que deve ter para as suas motivações e atitudes, a revelação de Deus que é útil para o ensino, repreensão, correção e educação na justiça. Meditar e orar é o ato de revelar para si mesmo e confessar diante de Deus as tentações e vantagens do pecado, bem como interceder para que as fendas da alma sejam iluminadas pelo Espírito Santo através de sua Palavra (p. 69).

O segundo degrau da tentação apresentado pelo autor são as afeições. Depois de enganar e convencer a mente com as vantagens oferecidas, o pecado seduz as afeições por meio dos prazeres que oferece. Seu objetivo é que as afeições do homem sejam inclinadas para si de tal forma que este seja levado

² CALVINO, João. *Efésios*. São Paulo: Paracletos, 1998, p. 190 (Ef 6.12).

a desejá-lo. A carne faz isto “disfarçando o perigo do pecado com deliciosas decorações” (p. 89). A carne é como um pescador que, para fisgar um peixe, esconde o anzol sob elementos atrativos para o mesmo. Tais elementos são as imaginações que aguçam o apetite do homem, fazendo-o contemplar as vantagens advindas do pecado.

A carne tem uma visão muito peculiar. Ela vê um mundo livre da tirania do governo de Deus. Ela imagina a liberdade de levar a efeito todos os seus planos sem a interferência da lei, preceito ou mandamento. E ela propõe aquela visão à sua imaginação, ajudando você a enxergar as suculentas possibilidades (p. 90).

Quando a imaginação do pecado torna-se atrativa e constante, o homem está fisgado. Sua mente transformou o mal em bem, e suas afeições ardentemente o desejam.

O terceiro degrau é a vontade. Uma vez que a mente foi convencida pelo engano do pecado, e as afeições foram por ele atraídas, a vontade consente. Normalmente o homem tem a tendência de justificar os seus pecados afirmando que eles são cometidos por coação da parte de Satanás. No entanto, o pecado é sempre cometido por consentimento da vontade. No caso dos ímpios, este consentimento é arbitrário e deliberado. No caso dos homens regenerados, o consentimento acontece em meio à batalha, sendo muitas vezes acompanhado de relutância. Sempre, no entanto, o pecado acontece por consentimento da vontade humana. E esta, quando o escolhe, o faz convencida de que escolhe o bem para si mesmo. A vontade é convencida de diversas formas. São elas: distorção das Escrituras, indiferença, ignorância e o uso de um padrão de duas medidas.

O quarto degrau é o ato pecaminoso em si, e o quinto, a consequência do pecado, a morte. Este último degrau, pela graça, os verdadeiros cristãos jamais haverão de descer, pois Deus mesmo os preservará. Considerando que um verdadeiro cristão jamais chegará ao quinto degrau nesta descida pecaminosa, na terceira parte da obra o autor procura responder quais são as consequências do pecado na vida de um cristão. A grande consequência apresentada pelo autor é o esfriamento do primeiro amor. Este esfriamento, por sua vez, pode ser notado pela desconsideração para com Deus; a prática de uma religiosidade meramente formal, sem vida e poder; o ativismo religioso; a indiferença para com pecados de estimação, a ponto de serem classificados como tais; o saber teórico destituído do verdadeiro conhecimento de Deus; o egoísmo ou autoconfiança; e o afastamento dos meios de graça.

Ao longo de toda a obra, Lundgaard apresenta maneiras de se vencer o pecado. No entanto, a arma final e letal somente é apresentada na quarta e última parte. Ele deseja que os seus leitores saibam que qualquer atitude de resistência ao pecado tornar-se-á inútil se não vier acompanhada da fé. Isto porque toda a nossa salvação é uma obra de Deus e, portanto, se dá por meio

da fé nele, desde a justificação até a santificação. É propósito de Deus não apenas justificar os eleitos por meio de Cristo, mas torná-los como ele é, e a fé encontra-se presente e ativa nesse processo.

A santificação é apresentada pelo autor como um processo em que tanto Deus quanto o homem estão ativos. O papel do homem, neste processo, é agir por meio da fé. Três atitudes são ressaltadas pelo autor. O cultivo de pensamentos sobre o propósito da morte de Cristo; a dependência do socorro vindo de suas benditas mãos; e o depósito da fé em Cristo como cordeiro que foi morto. Assim, é possível desfrutar da paz que procede de Deus.

Se por um lado, o homem é ativo no processo de mortificação da carne, é também verdade que tudo acontece pelo Espírito do Senhor. Estas duas coisas não podem ser esquecidas: nossa participação ativa e a atividade poderosa do Espírito. À medida que o homem, pela fé, utiliza-se dos meios providos por Deus para a mortificação da carne, o Espírito age com poder para trazer a vitória vinda de Cristo (p. 147). É o Espírito quem convence do pecado, revela a plenitude de Cristo para o seu livramento, acalma o coração na esperança do socorro da parte de Deus, batiza na morte de Cristo, inicia e consuma a santificação e provê consolo e força quando a angústia do pecado nos assedia. A promessa da vitória é certa. Por enquanto, restam aos eleitos a batalha, a gratidão pelas vitórias e o crescimento constante no poder do Espírito, do qual serão plenamente cheios no dia de Cristo.

De fato, Packer não exagerou quando afirmou a respeito desta obra: este livro será um marco para muitos crentes. Esta conversa franca sobre o poder e a derrota do pecado é extremamente relevante e acessível a toda a igreja nos dias atuais. Relevante, porque nestes tempos em que o engano do pecado convence os homens de que nada há de errado conosco, e que devemos dar vazão às motivações de nosso coração, lembrar o que a Bíblia diz acerca do mal que em nós habita levar-nos-á a uma atitude de vigilância e alerta constantes. Acessível, pois a simplicidade literária e o uso constante de metáforas, ilustrações e aplicações tornam a leitura desta obra fácil, agradável e produtiva para o mais simples e o mais novo cristão.